

## AS METALINGUAGENS DE DIVERSAS TRAMAS E CONCEITOS

Raul de Souza Püschel  
Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP  
Professor Titular do IFSP

Neste número da revista *Metalinguagens* há predomínio de artigos de Crítica e Teoria Literária, mas também comparecem artigos de Língua Portuguesa, Linguística e Educação.

Começamos com uma entrevista de José Luís Salmaso a Stênio Esteter sobre o livro *Os sertões*. Nela são feitas indagações que pontuam muito bem a trajetória do entrevistado e o significado que lhe teve primeiramente a referida obra de Euclides e mais à frente *Grande sertão: veredas* para sua visão de mundo como intelectual e como docente. São relatadas experiências com alunos que fizeram suas primeiras leituras de *Os sertões*, bem como uma interessante comparação entre como Euclides da Cunha e Guimarães Rosa descreveram o sertão. Lugar em que a seca está por toda parte para o primeiro; lugar com rios e belas fazendas para o último. Aquele guiado pelo mimético, mas em estilo com certo barroquismo; o outro, pelo maravilhoso. Estruturaram-se ambas as obras por um caudal linguístico, o que lhes conferem uma grande riqueza estilística.

Após a entrevista, seguem sete ensaios. No primeiro deles, “O Brasil com os seus olhos de cão: uma leitura de ‘Axelrod’, de Hilda Hilst, e a cena contemporânea brasileira”, Deneval Siqueira de Azevedo Filho estuda um conto que traz uma representação do Brasil e da latinidade sem meias tintas, resgatando a expressividade e o tom direto de Hilst, que está sempre a apontar em suas tramas, tecnicamente maduras e complexas, situações que revelam as hipocrisias de suas personagens e os paradoxos que as envolvem, em uma linguagem destituída de falsa pompa, em intrigas que evitam edulcorar e disfarçar a realidade. Há nela a articulação a um contexto sócio-político que se desnuda em termos micro e macrocósmicos, como tão bem aponta o ensaísta.

No trabalho seguinte, “A (des) construção do romance e a revelação da escrita em *Esau e Jacó*, de Machado de Assis”, Rodrigo Silva Trindade faz um recorte singular da obra machadiana, que se ancora em um conhecido estudo de André Jolles. Com tal leitura e alicerçado em parte da fortuna crítica do grande escritor brasileiro, demonstra

de que modo o referido romance de Machado se vale de formas simples, o que se coaduna com a concepção de uma obra que isomorficamente traz para sua organização o trabalho que valoriza os fragmentos, “as ruínas”. Ou seja, Machado hiperpotencializa o que é inerente ao romance, gênero tentacular que açambarca vários gêneros textuais e discursivos, e engloba, como o próprio capitalismo, de tudo um pouco. Só que, ao contrário, para o escritor carioca, isso é pleno de ressignificação, de não cristalização, típica já então de uma obra aberta e que faz, a seu modo e microtextualmente, uma espécie de desleitura do capital e seus valores.

Na pesquisa de Ival de Assis Cripa, intitulada “Poesia, tempo e história na obra de Octavio Paz”, mostra-se como o escritor mexicano articula lirismo e história, por meio do ensaio — gênero esse que, ao contrário da rigidez do texto acadêmico, permite falar mais livremente, experimentando, com o corpo colado ao mundo, dizer de si e do que se vê, percebe e sente.

Assim, ao contrário da crença de um passado fixo, a história em Paz (e para os pensadores da Nova História) se coloca como uma narrativa. A concepção do autor de *Signos em rotação*, sobre o tempo, é triádica. Para ele, haveria o tempo cíclico, como o do mundo arcaico, em que se seguia o parâmetro das estações (tempo de plantar e de colher, como no *Eclesiastes*); o do mundo retilíneo, cultuado pelo progresso; o fragmentário, próprio da ultramodernidade. Elaborava, então, Octávio Paz um resgate da história pelo lirismo do ensaio de erudição aberta, no qual se enxerga a escrita como descentramento, como inteiração com outras vozes e outras culturas.

No trabalho conjunto “A abordagem da obra literária no caderno do professor – Língua Portuguesa – 5ª série/6º ano – da Secretaria do Estado de São Paulo”, a professora Suely Corvacho e o aluno de Letras do IFSP, Fernando da Silva Queiroz de Oliveira, analisam como o referido caderno privilegia o aspecto intrínseco de uma obra literária, em detrimento do que se propusera inicialmente a fazer, destoando, assim, da opção conceitual escolhida, alicerçada em teorias enunciativas. O mesmo caderno também teria deixado de destacar a dimensão humanizadora do texto literário, tal como fora preconizado por Todorov.

A proposta a ser desenvolvida em sala de aula, pelos autores do artigo, parte do que advoga o manual, porém o trabalho oportunamente vai além, recobrando tanto as

posições de Todorov, quanto a do círculo de Bakhtin, em relação à prática adotada no processo ensino-aprendizagem.

Saindo-se da vertente literária, Márcia Antônia Guedes Molina, em “Materiais didáticos em sala de aula de Língua Portuguesa”, discute a importância da utilização de diversos meios para as aulas de Português. Para tanto, faz um estudo que resgata historicamente a questão e depois a insere na atualidade, ao pensar no emprego de novos suportes e novos meios, tudo isso com o intuito de tornar tal prática prazerosa para o corpo discente.

Em seu estudo “Língua-leitura: pedaços de um ensino inteiro”, José Everaldo Nogueira Júnior mostra de que forma o ensino de Português, no Brasil, tem sido visto através do tempo. Do bilinguismo inicial (o Português e a Língua Geral, isto é, o Tupi), passando pela reforma de Pombal, pelas concepções que viam o estudo do português pelo abono de exemplos literários (e, por si só, supostamente modelares), até se chegar a visões mais modernas, para as quais subjazem as concepções de não fazer mais sentido separar a língua em eixos, nem pensar o material didático de Língua Portuguesa dissociado da vida real. Explora ainda o autor de que modo as mudanças de carreira e perspectivas profissionais afetam o professor, bem como a procura pela Licenciatura em Letras. Além disso, é chamada a atenção para as mudanças que as novas tecnologias trazem e como deveria ser pensado o ensino frente a esses novos meios.

No ensaio “A universidade e a educação superior: incursões sobre seus desafios históricos e as atuais influências do Tratado de Bolonha”, Alda Roberta Torres e Maria Isabel de Almeida estudam o desafio histórico da universidade para manter a autonomia. Analisam ainda como, sob influxos internos e externos, forças de natureza capitalistas e produtivistas podem afetar tal autonomia. Cada vez mais, no Brasil, segundo as autoras, abriu-se espaço para as universidades privadas, a maioria das quais sem preocupações de fato com a pesquisa. Revelou-se ainda como se padronizou o conhecimento no mundo global, com o apagamento dos valores locais. Além disso, o trabalho docente teria sido frequentemente aquilutado, nos últimos tempos, ora por valores econométricos, ora por um viés quantitativo de produção em série, como se vê pela lógica que guia muitas vezes até instituições de fomento e o Curriculum Lattes. Um trabalho sem fim que nem sempre é sinônimo de qualidade e de excelência.

Fecha-se este número de *Metalinguagens* com a resenha de Carla Fernandes Souto, intitulada “*Cidade*: uma bela homenagem ao nosso maior dramaturgo”. Nela se revela, de certo modo, o processo de criação de uma novela iniciada por Nelson Rodrigues e que foi continuada por quatro escritores que conseguiram manter vivo o espírito rodrigueano, conforme é dito pela resenhista: “Assim como os demais, o capítulo não foi escrito por Nelson Rodrigues, mas bem poderia ter sido”. Vê-se que as oito mãos que continuaram a obra dialogaram com o autor de *Toda nudez será castigada*, dando certa unidade à novela *Cidade* e, ao mesmo tempo, conferindo-lhe vida e vigor, como afirma Carla Fernandes Souto com entusiasmo: “As reviravoltas, as relações de amores proibidos, os tabus, os incestos, a hipocrisia social desmascarada na exposição cruel de nosso avesso, tudo isto faz com que a leitura de *Cidade* se mostre de grande interesse para todos os admiradores deste gênio da dramaturgia nacional”. Dessa forma, para quem desejar sentir ainda “o gostinho de quero mais”, a novela mostra-se como uma forma de poder ler um pouco mais de Nelson e dos rodrigueanos.

Vejam agora o que dizem os textos acima arrolados e as muitas vozes que incisivamente falam da literatura, da língua portuguesa e da educação. São muitas vivências e muitas perquirições que se abrem e se fazem leitura, pronta para mil e uma metalinguagens, mil e uma páginas. Outras indagações e outras vozes não demorarão a experimentar formulações vivas e interessantes no próximo número da revista.